

O primeiro encontro com Jerusa: caminhos de um território fílmico dirigido por uma mulher negra

Sthefany Duhz Cavaca¹
Gabriela Santos Alves²

RESUMO

Este trabalho parte do desejo de sonhar, ocupar, valorizar e demarcar histórias, contribuições e memórias de mulheres negras no cinema brasileiro. Encontrar mulheres negras contando suas próprias histórias, protagonizando suas vidas, honrando a história e memória de antepassadas. E de fazer ciência com a nossa história, por que não ocupar este lugar? Com apoio teórico de Bell Hooks, Lélia Gonzalez e Dorotea Grijalva, sob a metodologia de análise fílmica, discutimos sobre três aspectos do território fílmico “Um dia com Jerusa”, (2020) dirigido por Viviane Ferreira: Ocupar, demarcar e protagonizar.

Palavras-chave: Cineastas Negras, Teoria e Crítica Feministas Contemporâneas, Análise Fílmica, Um dia com Jerusa.

INTRODUÇÃO

“O primeiro encontro com Jerusa: caminhos de um território fílmico dirigido por uma mulher negra” parte do desejo de sonhar, ocupar, valorizar e demarcar histórias, contribuições e memórias de mulheres negras no cinema brasileiro.

O cinema é arte e também um meio de comunicação em que pode circular amplamente narrativas e discursos, e isso ainda se justifica como objeto pertinente de análise. O registro histórico brasileiro demonstra um cinema que foi construído e contado por homens brancos cisgêneros heterossexuais. Dos 167 filmes brasileiros lançados em 2019 comercialmente em salas de exibição no país, apenas 36 foram dirigidos por mulheres, segundo dados do Portal Geledés (2021).

Onde estão as diretoras negras de longas-metragens? Pensando em longas de ficção dirigidos por cineastas negras, temos Adélia Prado com seu filme Amor Maldito (1984), a primeira diretora negra de longa de ficção, de acordo com o Portal Geledés (2021).

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo –Ufes, duhzcavaca@gmail.com;

² Professora Associada do Departamento de Comunicação Social e Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo – Ufes. Doutora em Comunicação e Cultura pela Eco/UFRJ. Realizadora audiovisual, gabriela.alves@ufes.br.

E, após 34 anos, Viviane Ferreira, mulher negra, ativista, advogada e cineasta, com o filme *Um dia com Jerusa* (2020), se torna a segunda negra a dirigir exclusivamente um longa-metragem de ficção exibido em salas comerciais no país.

O filme conta a história do encontro de Silvia (Débora Marçal) e Jerusa (Léa Garcia). Silvia é uma jovem sensível e pesquisadora de uma marca de sabão em pó e para realizar a pesquisa vai à casa de Jerusa. O encontro das duas é levado a memórias e, com a sensibilidade mediúnica de Silva, este encontro proporciona experiências de trânsitos em tempo-espaco-realidades comuns às suas ancestralidades.

Em 125 anos de cinema brasileiro, tivemos apenas duas mulheres negras que dirigiram exclusivamente longas-metragens de ficção exibidos comercialmente no país.

Neste sentido, a nossa pergunta de pesquisa neste trabalho é: quais são as primeiras narrativas técnicas e estéticas, ou como escolhemos nomear, quais são os primeiros caminhos do território fílmico do segundo longa-metragem dirigido solo por uma mulher negra?

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O longa-metragem *Um dia com Jerusa* (2020) representa simbolicamente muitas histórias, mas, principalmente, conta a de Jerusa, uma mulher negra de classe média completando 77 anos, e de Silvia, uma jovem negra lésbica de classe trabalhadora. Suas histórias são demarcadas por seus corpos femininos negros dentro de um território político.

Em sintonia com Dorotea Grijalva (2020), entendemos o corpo como território político pois compreendemos a intersecção de raça, gênero, classe e cultura que as perpassam. Neste sentido, como diz Dorotea Grijalva (2020, p.10),

Assumo que ele [corpo] foi nomeado e construído a partir de ideologias, discursos e ideias que justificaram sua opressão, exploração, submissão, alienação e desvalorização. A partir daí, reconheço meu corpo como um território com história, memória e conhecimentos, tanto ancestrais quanto próprios, da minha história íntima.

Mulheres negras tiveram suas histórias apagadas, deturpadas, negligenciadas, violentadas. Olhar para o filme dirigido por Viviane Ferreira, mulher negra que aborda com encantamento situações tão familiares de um povo, de uma gente brasileira que apesar de ser maioria em quantidade, é minoria em garantia de direitos por sua origem, raça, gênero, sexualidade, classe, crença e cultura, é ter a oportunidade de ver e (nos) imaginar novos sujeitos, nos reconhecermos nas telonas, além de ser um movimento de resistência e luta contra uma sociedade patriarcal e racista.

Como disse Bell Hooks, em *O olhar opositor: mulheres negras espectadoras* (2019, p. 232), “dado o contexto da exploração de classe e da dominação racista e sexista, foi apenas através da resistência, da luta, da leitura e do olhar ‘contra maré’ que as mulheres negras foram capazes de valorizar o suficiente nosso processo de olhar para, então, nomeá-los publicamente”.

Outra conceituação relevante é o entendimento de território cultural ditado por Rogério Haesbaert (2006, p. 40) “quando prioriza a dimensão mais simbólica e subjetiva, em que o território é visto, sobretudo, como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido”. Buscamos mapear e apontar essas possibilidades interpretativas simbólicas e subjetivas que o território fílmico *Um dia com Jerusa* (2020) nos apresenta.

METODOLOGIA

Utilizamos como metodologia a análise fílmica sob direcionamentos de Penafria (2009) e Mombelli e Tomaim (2014).

A metodologia no campo da comunicação se dá a partir dos objetivos, recortes e escolhas que pesquisadoras e pesquisadores fazem ao elaborar o seu projeto de pesquisa (Mombelli e Tomaim, 2014). Nesse sentido, como a análise fílmica é um procedimento metodológico arrimado na observação e interpretação e não uma metodologia que possui um único formato padronizado a ser seguido e, em sintonia com Mombelli e Tomaim (2014, p. 1-2), “é preciso criar o próprio caminho, desenvolver categorizações que darão embasamento para que a análise não seja uma interpretação vã”.

Sendo assim, optamos nesta análise inicial a partir da categoria externa, considerada por Penafria (2009, p. 7) “conjunto de relações e constrangimentos nos quais decorreu a sua produção e realização, como sejam o seu contexto social, cultural, político, econômico, estético e tecnológico”.

No primeiro encontro com *Jerusa*, apontamos três caminhos iniciais de observação, análise e discussão: *ocupar*, *demarcar* e *protagonizar*.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Ocupar - Em um contexto geral, por que é importante teorizar sobre o filme e a concretização de uma mulher negra em um espaço de poder como o cinema brasileiro? Porque

se atravessa, com luta e resistência, territórios dominantes dos que se consideram legítimos e universais: homens brancos ocidentais cisheteronormativos.

O racismo latino-americano é suficientemente sofisticado para manter negros e índios na condição de segmentos subordinados no interior das classes mais exploradas, graças à sua formação ideológica mais eficaz: a ideologia do branqueamento. Veiculada pelos meios de comunicação de massa e pelos aparelhos ideológicos tradicionais, ela reproduz e perpetua a crença de que as classificações e os valores do Ocidente branco são os únicos verdadeiros e universais (Gonzalez, 2020, p. 131).

Demarcar - Este atravessamento é uma luta coletiva, fruto de movimentos sociais, de políticas afirmativas que produzem uma reparação histórica. “Um dia com Jerusa” (2020) é um longa inspirado no curta da mesma autora “O Dia de Jerusa” (2014), ambos vindos de políticas afirmativas no cinema. Em entrevista para Juliana Costa (2020), Viviane Ferreira comenta

A partir de 2014 você tem as primeiras gerações de estudantes negros que acessaram as universidades por meio das políticas de ações afirmativas, colocando seus filmes no mundo. Então a gente se encontra, e se reconhece, e vê outras coisas. A sensação que eu tinha era que antes disso a gente estava fazendo [cinema] de um lugar muito isolado, dentro de uma bolha, como se não existissem outras bolhas. Em 2014 essa bolha é rompida.

Protagonizar - Pensando nesta produção negra no cinema, tem-se uma equipe técnica formada majoritariamente feminina e negra.

Foi importante olhar criticamente para a ficha técnica e encontrar nomes e funções de mulheres negras para refletir sobre a frase que muitas vezes é dita: “não há mulheres negras no cinema” ou “elas não têm experiência”. Observamos o contrário. Exatamente como diz Lélia Gonzalez (2020, p. 141), “tanto o sexismo como o racismo partem de diferenças biológicas para se estabelecerem como ideologias de dominação”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apontamos três considerações expressivas neste trabalho. A primeira é o fato de que existem sim cineastas negras qualificadas para atuarem no cinema brasileiro e mundial. A segunda é que há contribuições relevantes realizadas por estas mulheres. E a terceira é que as políticas afirmativas e, neste caso, no cinema brasileiro, permitem o acesso a grupos marginalizados e asseguram efetivamente direitos por meio da Constituição.

REFERÊNCIAS

COSTA, Juliana. Transitar e pertencer: uma conversa sobre Um dia com Jerusa. Cine Festivais, [s.l], 2020. Disponível em: < <https://cinefestivais.com.br/transitar-e-pertencer-uma-conversa-sobre-um-dia-com-jerusa/>>. Acesso em: 9 nov. 2024.

GELEDÉS. Mulheres negras no cinema nacional. Portal Geledés, São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-no-cinema-nacional-elas-contam-suas-historias/>>. Acesso em: 9 nov. 2024.

GONZALEZ, Lélia. In RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (Org.). **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1.ed., 2020.

GRIJALVA, Dorotea Gómez. **Meu corpo é um território político**. Guatemala: Zazie Edições, 2020. Disponível em: < <https://zazie.com.br/wp-content/uploads/2021/05/GOMEZGRIJALVA-5.pdf>>. Acesso em: 9 nov. 2024.

HAESBAERT, Rogério. Definindo território para entender a desterritorialização. In **O mito da desterritorialização, do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HOOKS, Bell. O olhar opositor: mulheres negras espectadoras. In **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

MOMBELLI, Neli Fabiane; TOMAIM, Cássio dos Santos. **Análise fílmica de documentários: apontamentos metodológicos**. Minas Gerais: JF: Lumina. Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2014, vol. 8, n 2. ISSN 1981-4070

PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s). In **VI Congresso SOPCOM**, Lisboa, 2009. Anais eletrônicos. Lisboa, SOPCOM, 2009. Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>. Acesso em: 18 abril 2024.